

## Como elaborar um trabalho de pesquisa

(Algumas indicações formais)

### 1.- Aspectos formais:

#### 1.1. - Apresentação externa:

##### 1.1.1. - Capa:

- Designação da instituição ou entidade (Escola)
- Disciplina a que se destina
- Título do trabalho (bastante mais saliente)
- Local e data de elaboração
- Nome do autor do trabalho

##### 1.1.2. - Contracapa – Não exige nada de especial. Pode ir em branco.

#### 1.2. - Apresentação interna (Estrutura):

- Índice Geral;
- Introdução;
- Corpo (desenvolvimento);
- Conclusão(ões);
- Anexos (se necessários);
- Referências bibliográficas.

### 2. - Observações importantes:

2.1. - A **Introdução** é muito importante num trabalho. Deve como que pegar o leitor pela mão e conduzi-lo pelos caminhos percorridos. É uma espécie de átrio, de hall de entrada. Um hall bem desenhado mostra claramente ao visitante a situação das várias divisões da casa. Fica-se logo orientado. Nas grandes obras de investigação, a introdução, embora esteja no princípio, é normalmente a última a ser redigida. Precisamente porque é então que se conhece bem o caminho percorrido, as dificuldades encontradas, a forma como se resolveram e as conclusões a que se chegou.

Deste modo, a introdução deve conter, pelo menos, os seguintes itens: a justificação do título do trabalho, os objectivos que se pretendiam, as dificuldades sentidas e o modo como se tentou superá-las, a metodologia adoptada, a delimitação do âmbito investigado e, em linhas gerais, a estrutura.

2.2. - **O desenvolvimento** constitui o corpo propriamente dito. Em trabalhos de certa envergadura, é conveniente que seja estruturado em partes e/ou capítulos. As subdivisões podem ser feitas pelo sistema decimal (1, 1.1.,1.2.; 2, 2.1....- como aqui foi feito) ou por alíneas.

Deve ser redigido de forma clara, precisa e bem fundamentada. Sempre que se recorra a outras fontes, nomeadamente a autores, elas devem ser devidamente indicadas. Se a referência é directa e textual, deve ser transcrita entre aspas com a indicação do autor e da obra, seja em notas (forma mais tradicional) seja no próprio corpo do texto (modelo americano). Se a referência não for textual, mas constituir uma paráfrase (reformular por palavras nossas o que disse o autor) ou simplesmente nos aproveitarmos da ideia geral, o autor e a obra devem também ser indicados.

2.2.1. – **Formas mais usuais de fazer uma citação** – Fazer uma citação é indicar a fonte bibliográfica a que se recorreu. Há duas formas de referir as fontes: uma, a mais tradicional, é o recurso às **notas**; a outra, a que actualmente é talvez mais utilizada, é a que podemos designar de **modelo americano** (modelo autor, data: página)

2.2.1.1. – **Notas** – As notas podem ser inseridas ou no fim da página (**notas de rodapé**) ou no fim do texto (**nota de fim** - no fim do trabalho ou também no fim de cada capítulo). Embora as notas possam ter várias funções (esclarecer conceitos, fazer observações, referir outros aspectos ligados ao texto...), importa aqui esclarecer sobretudo as **notas bibliográficas**, isto é, as que referem o(s) autor(es) e a(s) obra(s) a que se recorreu.

Se a citação é textual, colocada entre aspas, a nota (tanto a de rodapé como a de fim) obedece à estrutura que será indicada mais adiante, ao falar da **bibliografia**; se a citação não é textual mas

constitui uma paráfrase ou a recolha de uma ideia geral, a estrutura é a mesma só que fazendo preceder o nome do autor de **Cf.** (conferir, ver).

2.2.1.2. – **Modelo americano** – é a modalidade de citação hoje mais usada sobretudo em artigos de revistas. Algumas publicações exigem mesmo dos colaboradores a utilização deste modelo. Aqui não há inserção de notas: as referências são feitas directamente no corpo do texto. Talvez se entenda melhor através de um exemplo que depois se explicará:

As utopias não oferecem mecanismos unívocos de realização e são, assim, «compatíveis com diversos programas concretos de acção» (ROCHA, 1994: 14). Neste sentido, não há o perigo de elas gerarem a violência que Popper temia (1882: 387 - 395). Ao contrário, por exemplo, das ideologias, que, em ordem a garantir a coesão social de um grupo e à imposição de ideias para um determinado fim num contexto concreto, podem ser germes de violência (cf. RICOEUR, 1971: 328 - 355).

Este texto exemplifica bem o modelo americano e de três formas. A primeira referência (ROCHA, 1994: 14, 15) significa que o autor é ROCHA, a obra em causa foi editada em 1994 e a passagem citada entre aspas consta na página 14. A segunda (1882: 387 – 395) não indica o autor (Popper) porque o próprio texto nos diz a quem se refere; o âmbito alargado das páginas (387 – 395) quer dizer que não se refere a nenhuma passagem concreta mas ao artigo em geral do autor (neste caso, o perigo da utopia gerar a violência). A terceira referência (cf. RICOEUR, 1971: 328 - 355) funciona como fundamentação da afirmação que se fez, recorrendo a um autor que aborda esse assunto mas não é citado textualmente; por isso tem o **cf.**

Qualquer uma destas formas de citação tem **vantagens e inconvenientes**. As notas de rodapé têm a grande vantagem de o leitor poder identificar imediatamente a obra citada e eventuais comentários do autor do trabalho. Tem o inconveniente de sobrecarregar o texto com notas: por vezes acontece, sobretudo em trabalhos de certa envergadura, que a página está cheia de notas e o texto ocupa poucas linhas. As notas de fim (de trabalho ou de capítulo) evitam o inconveniente das notas de rodapé, mas obrigam o leitor, se ele quiser ler essas notas, a ter que ir constantemente ao final. De qualquer maneira, é a forma mais apropriada para quem apresente os trabalhos escritos manualmente ou dactilografados (a máquina de escrever, ao contrário do computador, não dá a possibilidade de inserir notas de rodapé). Finalmente, o modelo americano evita ou minimiza a inserção de notas e é actualmente o mais utilizado, como já se disse. Tem a desvantagem de não identificar imediata e totalmente a obra citada, obrigando o leitor a consultar a bibliografia.

2.3. – **A conclusão** (ou conclusões) funciona como uma espécie de síntese da reflexão feita no desenvolvimento do trabalho e como enunciação dos resultados obtidos. É a parte mais livre, mais crítica e mais criativa do trabalho. Partindo da fundamentação ou fundamentações anteriores, pode-se agora, mais livremente e sem a necessidade de recorrer constantemente às fontes, expor as ideias, as opiniões e as críticas pessoais.

2.4 – Os **anexos** são normalmente dispensáveis. Contudo, em trabalhos de grande responsabilidade científica, é necessário colocá-los. Os anexos podem ser de vária ordem. Sirvam alguns exemplos: documentos referidos, de grande importância, mas de difícil acesso ao leitor; gráficos ou mapas necessários para a inteligibilidade do trabalho, mas que ocupariam muito espaço se integrados no texto; questionários elaborados e que funcionaram como fonte importante para investigação.

2.5. – As **referências bibliográficas** (ou, simplesmente, bibliografia) é, formalmente, uma parte fundamental em qualquer trabalho de investigação. Chama-se a especial atenção para este ponto, até porque esclarece a forma de colocar as notas de rodapé ou de fim e o modelo dito americano.

Não há normas rígidas para a ordem a seguir nas referências bibliográficas. O verdadeiramente importante é que os leitores possam identificar claramente o autor e a obra, o local de edição, a editora

e o ano de edição. Se a obra foi originalmente escrita em língua estrangeira e a edição utilizada for portuguesa, convém referir-se esta circunstância.

Indicam-se, de seguida, as duas normas mais utilizadas, dando para cada uma três exemplos:

### 2.5.1. - **Forma tradicional:**

#### 2.5.1.1. - **Livro:**

RICOEUR, Paul, *Ideologia e utopia*, trad. de Teresa L. Perez, Lisboa, Edições 70, 1991.

Como vemos, a ordem é a seguinte: APELIDO, Nome, *Obra*, trad. (se for o caso), Local de edição, Editora, ano de edição.

Em muitos livros aparece uma ordem ligeiramente diferente: indicam a editora antes do local de edição. O mais razoável, contudo, é seguir a primeira ordem.

Se a obra tiver não um autor mas vários, é de seguir as seguintes regras:

- Dois a três autores: indicam-se todos;
- Mais de três autores: indica-se o primeiro seguido de **et al.** (que significa: e outros);
- Se os autores foram muitos, como por exemplo em colectâneas: coloca-se AA.VV. (autores vários);
- Nas obras com muitos autores, mas em que há organizadores, directores ou editores (normalmente a capa do livro refere isso mesmo): põe-se o nome destes e indica-se entre parênteses (org.) ou (dir.) ou (ed.), conforme o caso.

#### 2.5.1.2. - **Capítulo de livro** (geralmente em obras conjuntas e em colectâneas):

POPPER, Karl, «Utopia e violência», in *Conjecturas e refutações*, trad. de Sérgio Bath, Brasília, Edições da Universidade de Brasília, 1982, pp. 387 - 395.

O processo é o mesmo antes descrito. O novo aqui é que como se trata de um capítulo e não da obra no seu todo, deve indicar-se o autor do capítulo, «o título do capítulo» (entre aspas), em (**in**) que *obra* está, e, no fim, as páginas que o capítulo ocupa na obra. [O(s) autor(es), organizador(es) ou editor(es) da obra também devem ser indicados. No exemplo dado isso não foi necessário porque o autor é o mesmo].

#### 2.5.1.3. - **Artigo de revista** (ou jornal):

RICOEUR, Paul, «Science et idéologie», *Revue Philosophique du Louvain*, 1971, Tomo 4, pp. 328 - 355.

A norma é igual à de capítulo de livro, com duas diferenças: não é necessário colocar o **in**; deve indicar-se (se constar) o número, o volume ou o tomo da revista. (quando se trata de jornais, indica-se o dia o mês e o ano).

### 2.5.2. - **Modelo americano** (sistema autor, data: pág)

**Livro:** RICOEUR, Paul (1991), *Ideologia e utopia*, trad. de Teresa L. Perez, Lisboa, Edições 70.

**Capítulo de Livro:** POPPER, Karl (1982), «Utopia e violência», in *Conjecturas e refutações*, trad. de Sérgio Bath, Brasília, Edições da Universidade de Brasília, pp. 387 - 395.

**Artigo de Revista:** RICOEUR, Paul (1971), «Science et idéologie», *Revue Philosophique du Louvain*, Tomo 4, pp. 328 - 355.

Com se pode verificar a grande diferença relativamente ao outro sistema é que neste a data é colocada entre parênteses logo a seguir ao autor.

Em vez de separar os campos (autor, obra, edição) por vírgula, é muito frequente separá-los por ponto. É também frequente separar o local de edição da editora por dois pontos (:). Os exemplos anteriores ficariam assim:

RICOEUR, Paul (1991). *Ideologia e utopia*. Trad. de Teresa L. Perez. Lisboa: Edições 70.

POPPER, Karl (1982). «Utopia e violência». In *Conjecturas e refutações*. Trad. de Sérgio Bath. Brasília: Edições da Universidade de Brasília, pp. 387 - 395.

RICOEUR, Paul (1971). «Science et idéologie». *Revue Philosophique du Louvain*, Tomo 4, pp. 328 - 355

Há ainda quem não coloque aspas para referir artigos ou capítulos de livros.

### 3. – Observações finais:

3.1. – Num trabalho de investigação, para além do conteúdo, há que atender também à apresentação e aos aspectos formais. Neste âmbito, não há regras únicas e universais. Convém, com certeza, utilizar as mais frequentes, mas o verdadeiramente importante é que se seja coerente e claro. Coerente, no sentido de que se utilizar uma dada norma a utilize sempre da mesma maneira; claro, no sentido de identificar sem margem para dúvidas a obra a que se recorreu, permitindo que qualquer leitor a possa consultar.

3.2. – Nas notas de rodapé e de fim, ao citar a obra, o primeiro campo (o nome do autor) não é necessário estar todo em maiúsculas ( em vez de RICOEUR, Paul posso escrever Paul Ricoeur). Mas isto só nas notas, não na bibliografia.

3.3. – Nas citações (em qualquer modelo que se utilize), se uma referência for igual à anterior (mesmo autor e mesma obra), não é necessário repetir tudo. Pode colocar-se *Ibid.* (Ibidem, o mesmo) seguido da página. Nas notas de rodapé e de fim (não no modelo americano), se a obra (livro ou artigo) de um autor foi já citada anteriormente basta colocar o nome do autor seguido de *o. c.* (obra citada). Exemplo: Paul Ricoeur, *o .c.*, pág. 20. É preciso, contudo, estar muito atento a duas situações: a) se no trabalho são citadas duas ou mais obras do mesmo autor, verificar se a última citada desse autor é a mesma de agora; b) se a nota relativa a esse autor e a essa obra está já muito distante, convém citá-la totalmente de novo, para evitar o incómodo de o leitor ter de andar à procura.

3.4. – No modelo americano, se houver duas ou mais obras do mesmo autor, publicadas ou editadas no mesmo ano, a diferenciação é por alíneas, tanto no corpo do texto como nas referências bibliográficas. Por ex: se P. Ricoeur tivesse publicado duas obras em 1991, uma ficaria (Ricoeur, 1991a) e a outra (Ricoeur, 1991b)

3.5 – O título da obra deve estar sempre *em itálico*. Se o trabalho for escrito à mão ou à máquina, o título deve estar sublinhado. Caso se trate de um artigo, o que fica *em itálico* é a *revista* ou o *jornal* em que está. O título do artigo fica «entre aspas», mas não em itálico. No modelo americano, há quem não ponha aspas.

3.6. – Em trabalhos pequenos, a utilização de notas (seja de rodapé seja de fim) pode perfeitamente dispensar a bibliografia, pois as fontes estão já devidamente referenciadas nessas notas. No modelo americano (autor, data: pág.) é imprescindível a colocação das referências bibliográficas no fim do trabalho, já que neste modelo normalmente não se indica a obra no corpo do texto.

3.7. – Os exemplos referidos dizem respeito às situações mais frequentes. Há casos em que a citação se torna mais complexa.

Peso da Régua, 20 de Janeiro de 2001

A. Marcos Tavares